



Investimentos na Armazenagem de Grãos

A importância que a produção de alimentos vem ganhando no mundo e o papel hoje representado pelos biocombustíveis têm colocado em evidência um segmento até pouco tempo considerado como co-adjuvante no agronegócio mundial - a armazenagem de grãos.

Artigo publicado na Revista Word Grain (DONLEY, 2007)¹ relaciona uma série de projetos recentes efetivados na área de estocagem de grãos em decorrência da safra mundial recorde obtida em 2007 e que superou em 5% a anterior. Esse fato provocou muitos negócios com silos e equipamentos em várias regiões do globo.

Destaque maior cabe aos Estados Unidos pelo grande número de usinas de etanol de milho que à época somava 80 e que apresentou um aumento de 7,5 milhões de toneladas na capacidade de armazenagem de grãos, sobretudo nos grandes estados produtores do cereal (*Corn Belt*).

Importantes investimentos em novas instalações e melhoramentos também foram feitos no México, Índia, Ásia e Europa Oriental, para atendimento de demandas específicas. No Brasil, a capacidade estática de armazenagem tem aumentado ano a ano, sobretudo nas propriedades rurais. O elevado custo dos empréstimos, porém, tem contido os investimentos.

Aqui será feita uma comparação entre Brasil e Estados Unidos (EUA), dois grandes produtores de grãos, mas com condições distintas de clima e de infra-estrutura de armazenagem.

Pelas condições climáticas do Hemisfério Norte, caracterizado por invernos rigorosos e ainda por questões de segurança, a armazenagem de alimentos sempre é considerada estratégica naquele país.

O inverno rigoroso e a alta incidência de fenômenos climáticos adversos concomitantemente com o sistemático envolvimento do país em conflitos bélicos fazem com que haja acentuada preocupação com provisão de alimentos para consumo interno e atendimento das tropas. A propósito, muitos dos avanços tecnológicos no preparo de alimentos são devidos à sua utilização prática nos campos de batalha. Grande parte dos alimentos enlatados e

desidratados surgiu dessa necessidade. Além disso, os EUA são os maiores exportadores do Mundo e apresentam um consumo fantástico de alimentos em comparação mesmo com os países mais desenvolvidos. Tudo lá é gigantesco e com os grãos não poderia ser diferente.

O consumismo exagerado é uma marca do povo estadunidense. Por exemplo, no caso dos combustíveis parece haver total desprezo pela crise energética mundial que se apresenta. O consumo de milho para fins carburantes é da ordem de 30% do que é produzido o que significa quase 1,5 vez a produção brasileira do cereal.

Dados de 2005 apontam que só a capacidade de armazenagem de grãos de capital privado nos EUA é da ordem de 120 milhões de toneladas. A capacidade total chega a quase 500 milhões de toneladas para uma produção de grãos estimada em 400 milhões de toneladas. Cerca de 65% está localizada na zona rural.

Por sua vez, no Brasil a capacidade estática atual soma 123,3 milhões de toneladas, para uma produção de grãos prevista em abril de 2008 em 140,8 milhões de toneladas pela CONAB². Apenas 15% localizam-se nas propriedades agrícolas, o que sobrecarrega o transporte e a armazenagem intermediária em época de colheita.

As empresas brasileiras hoje são responsáveis por 74% da rede existente, condição que foi revertida paulatinamente, desde a política de privatização a partir de meados da década dos anos 1990, época em que predominava a armazenagem pública por conta da preocupação governamental de formação de estoques reguladores para evitar a explosão inflacionária.

Devido ao alto custo do carregamento de estoques, o Governo "transferiu" a responsabilidade para o setor privado diminuindo assim sua interferência no mercado³.

Segundo orientação da FAO o ideal é que a capacidade estática de um país seja 1,2 vez maior que a produção de grãos, o que de fato ocorre nas condições estadunidenses que é 1,25. No Brasil a relação é de apenas 0,87. Para atender a este requisito a capacidade estática de armazenagem nacional deveria ser de 169,0 milhões de toneladas.

Aqui cabe uma observação que, em parte, ameniza o problema, pois nos países do Hemisfério Sul por conta de condições climáticas menos adversas há possibilidade de colheitas sucessivas de grãos com a possibilidade de rotatividade nos bens armazenados, sem que haja preocupação tão rigorosa quanto à formação de estoques, sobretudo pela estabilidade da economia.

Para efeito de ilustração a safrinha de milho (2ª safra) tem crescido aceleradamente e já responde por 30% do total de milho produzido no Brasil. E, no caso do feijão, a lavoura é

conduzida três vezes por ano embora pouco representativa frente ao milho, soja e arroz responsáveis por 90% da safra de grãos.

Nesse caso, pode ser aplicado o fator de rotatividade 1,5, de plena aceitação universal, para cálculo da capacidade dinâmica. Assim nas condições brasileiras chegar-se-ia a uma capacidade dinâmica de 184,9 milhões de toneladas, que seria suficiente para a guarda de toda a safra e com relativa folga ainda para a estocagem de produtos importados, trigo em especial e, ainda assim, permitir a formação de estoques reguladores.

Esse fator tem aceitação/uso universal, pois dentro de uma nação as colheitas não são coincidentes; grande parte delas tem pronto consumo interno ou seguem rapidamente para o exterior, encurtando assim o canal de comercialização.

Cabe ressaltar que nem sempre as condições e localização das unidades são as mais adequadas e racionais, o que provoca periodicamente transtornos circunscritos, tanto para a guarda como para a movimentação das mercadorias, fato que afeta sobremaneira a logística acarretando elevação nos custos. Nos últimos tempos têm sido disponibilizados recursos oficiais, para ampliação dessa infra-estrutura, sobretudo visando à ampliação e modernização de unidades de cooperativas e produtores agrícolas, mas nem sempre os interessados se dispõem a contrair empréstimos por conta dos elevados riscos da atividade agrícola. Mas de fato tem ocorrido ampliação do número de unidades por conta de produtores mais capitalizados, sobretudo da Região Centro-Oeste do País.

Para evitar as pressões de logística que ocorrem em determinadas regiões nos períodos de colheita, o BNDES⁴ acaba de lançar o "Programa de incentivo à armazenagem para empresas cerealistas", complementar às linhas já existentes no atual Moderinfra.

A nova linha de financiamento disponibilizará R\$300 milhões até o final do ano, com condições especiais para contratação dos recursos.

Dentro desse contexto, recente trabalho divulgado pelo IEA⁵ sugere a implantação de centrais regionais de armazenagem como forma de ampliar a capacidade e modernizar a comercialização de grãos no Estado de São Paulo a exemplo dos *grain elevators* existentes nos Estados Unidos.

Em razão do continuado aumento da produção de grãos para atendimento da demanda interna e do comércio exterior, são necessários investimentos sistemáticos na busca da eficiência em infra-estrutura - armazenagem, malha viária e portos para que o Brasil se torne de fato competitivo no cenário mundial.

¹DONLEY, A. Grain storages and handling projects...a review. **World Grain**, p. 38-39, 1 jun. 2007. Disponível em: <http://am.sosland.com/ActiveMagazine/getBook.asp?Path=WG/2007/06/01&BookCollection=WG_AM&ReaderStyle=Gray>. Acesso em: abr. 2008.

²COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO - CONAB. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em: abr. 2008

³CRUZ, A. C. da; TEIXEIRA, E. C. Desempenho da política de garantia de preços via contrato de opção de venda e prêmios para escoamento de produto. **Revista de Política Agrícola**, Brasília, v. 15, n. 4, p. 24 -36, out./dez. 2006.

⁴BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL - BNDES. **BNDES cria programa de R\$ 300 milhões para incentivar a construção de armazéns**. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br>>. Acesso em: abr. 2008.

⁵NOGUEIRA JUNIOR, S.; NOGUEIRA, E. A. e. Centrais regionais de armazenagem como apoio à comercialização de grãos. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 37, n. 7, p. 27-33, jul. 2007. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br>>. Acesso em: abr. 2008.

Palavras-chave: infra-estrutura, armazenagem, grãos.

Sebastião Nogueira Junior
Pesquisador do IEA
senior@iea.sp.gov.br

Liberado para publicação: 30/04/2008